

ARTIGO

Um vínculo sensível: materialismo e moral, segundo Diderot

A sensitive bond: materialism and moral, according to Diderot.

Danielly Lima Santos

Graduação em andamento em Filosofia. Universidade Estadual Paulista - UNESP. São Paulo, SP - Brasil.

Resumo: Proponho aqui um estudo sobre o viés moral do texto *O Sonho de D'Alembert*, escrito por Diderot a partir de 1769. A fundamentação da teoria moral proposta por Diderot seria resultado da sua tese materialista, pois, assumindo que só há uma substância no mundo, a matéria, e que ela contém o seu princípio motor, a sensibilidade universal, inerente a ela mesma, nega-se também a existência, ou a necessidade, de qualquer ser sobrenatural, espiritual. A partir dessa tese materialista e ateuista, Diderot desenvolve sua proposta moral sem religião, sem vínculos divinos, ou seja, uma moral materialista, em termos atuais, naturalista. Portanto, procurarei verificar na obra *d'O Sonho de D'Alembert* indicações que me permitam esclarecer a concepção de uma moral materialista e ateuista, ou simplesmente, de uma moral com um vínculo sensível.

Palavras-chave: Materialismo; Diderot; Moral; Ateísmo; Iluminismo.

Abstract: I propose here a study on the moral bias of the text *D'Alembert's Dream*, written by Diderot after 1769. The foundation of Diderot's moral theory would be the result of his materialist thesis, for when matter is assumed as the only substance in the world, containing the universal sensitivity as its impelling principle, inherent in itself; it is also denied the existence, or necessity of any supernatural, spiritual being. From this materialist and atheistic thesis, Diderot develops his proposal of a moral without religion and divine bonds, that is, a materialist, or in current terms, a naturalistic moral. Therefore, I will try to verify in *D'Alembert's Dream* indications that allow me to clarify the conception of a materialist and atheistic morality, or simply a morality with a sensitive bond.

Keywords: Materialism; Diderot; Moral; Atheism; Enlightenment.

La filosofía de Diderot lucha en aquellos campos donde el Antiguo Mundo mantiene sus posiciones más fuertes, y su combate consiste en hacer tambalear todo lo que está estrechamente de acuerdo con el cristianismo, con la metafísica, con lo que impide el advenimiento de una historia natural del alma, una política de la libertad y una moral de la felicidad.

(FONTENAY, 1988, p. 76).¹

¹ "A filosofia de Diderot luta naqueles campos em que o Antigo Mundo manteve suas posições mais fortes, e seu combate consiste em estremecer tudo o que está estritamente de acordo com o cristianismo, com a metafísica, com o que impede o advento de uma história natural da alma, uma política da liberdade e uma *moral da felicidade*" (FONTENAY, 1988, p. 76, tradução nossa, grifo nosso).



Forma humana

Para Diderot, há uma continuidade natural entre seres pensantes e não pensantes, sendo que as diferenças seriam caracterizadas por graus de sensibilidade. Assim, nem a “[...] faculdade de pensar [...] escaparia a essa graduação”, portanto, “[...] todos os seres devem ser concebidos como modificações, diferenciadas gradualmente, de uma única substância [a matéria]” (SOUZA, 2002, pp. 55-57). Logo, o que diferenciaria a forma humana de outras formas seria o órgão da razão, que na espécie humana é predominante. “É a razão que torna o homem diferente dos outros seres, mas ela é entendida como ‘[...] um instrumento que corresponde à variedade do instinto animal’, nesse sentido, o homem pensa como o peixe nada e o pássaro voa” (SOUZA, 2002, p. 93). É a forma, a composição das moléculas e suas relações que determinam qual qualidade será dominante em uma espécie (constituições semelhantes), o que significa dizer que todos os seres participam de todas as qualidades, “portanto, nada é da essência de um ser particular [...] é a relação mais ou menos grande dessa qualidade que nos leva a atribuí-la a um ser com exclusão de um outro” (DIDEROT, 1973, p. 400).

Acrescenta-se ainda que, segundo Diderot, há no ser humano, animal composto, uma única consciência e muitos órgãos que, por sua vez, geram uma gama enorme e diversificada de vontades e desejos. Entende-se que cada órgão teria vontades e desejos específicos, mas não saberia o que efetivamente quer. Dessa forma, Diderot afirma, em *O Sonho de D’Alembert*, que seria através da relação dos órgãos com o cérebro que o ser humano teria ciência das suas vontades, dos seus desejos. Ressalta-se que a consciência só existe porque a forma humana é um composto de órgãos sensíveis, então, ela estaria suscetível a variados estímulos, variadas sensações, sendo que as mais marcantes dariam origem à memória, a qual, por sua vez, possibilitaria a consciência do todo, o pensamento, ou seja, a comparação de tais sensações. Levando-se em consideração que os órgãos geram necessidades e vontades, e que o ser humano é um composto de órgãos, podemos definir a forma humana como um composto de necessidades, desejos, vontades e uma consciência do todo.

A tese defendida por Diderot é a de que nossa concepção do mundo depende da organização do nosso corpo, da nossa forma. Segue-se de tal hipótese que existe uma relação de dependência das nossas crenças, racionalidade e concepções morais com a nossa organização. Já na *Carta sobre os cegos* (1749) ele defende a importância da organização do corpo, da sua “forma”, pois, segundo Diderot, todas as nossas crenças e desejos resultariam dessa organização da matéria: “[...] o estado de nossos órgãos e de nossos sentidos tem muita influência sobre nossa [...] moral, e [...] nossas ideias mais puramente intelectuais [...] dependem [...] da conformação de nosso corpo” (DIDEROT, 2000, p. 103).

Como Souza ressalta (2002, p. 95), a tendência do ser humano seria, na teoria de Diderot, o desejo de ser feliz, logo, o desejo, sendo fruto da organização, ou forma, será o fundamento primeiro da noção de *dever e moral* para Diderot. Portanto, a tese segundo a qual haveria graus de sensibilidade em relação às formas assumidas pela matéria é de suma importância para a concepção de moral materialista proposta por Diderot, pois, em princípio, seria a organização do corpo que definiria *o caráter do indivíduo*.

Um ideal moral: o sábio diderotiano

Diderot diria, então, que não importa se és um imbecil ou um filósofo, pois todos os seres humanos são compostos de extrema sensibilidade, “[...] que é a qualidade dominante dos seres medíocres” (DIDEROT, 1973, p. 414). Já o grande homem, no seu exemplo o próprio D’Alembert, irá se ocupar em dominar a sensibilidade para tornar-se senhor de si mesmo, fazendo do cérebro rei, e dos órgãos, súditos, pois,

segundo Diderot, só o ser que dominar os seus desejos, ou seja, os seus órgãos, julgará friamente, será sensato etc.

Desse modo, o grande ser humano “[...] reinará sobre si mesmo e sobre tudo o que o cerca [...] e ter-se-á ao mesmo tempo liberto de todas tiranias do mundo. Os seres sensíveis ou os loucos se acham no palco, ele está na plateia; ele é o sábio” (DIDEROT, 1973, p. 414). Diderot acrescenta que o ser que não fortalecesse a sua capacidade racional, sediada no cérebro, estaria condenado a viver entre extremos de prazeres e dores, como uma criança que se deleita exacerbadamente e ao fim entra em estado de tristeza. Isso não significa, no entanto, que devemos eliminar os nossos desejos.

Diderot, como parte dos sábios, escreveria: “[...] eu também sei desfrutar, [...] admirar e jamais sofro. [...] Tenho prazer puro; minha censura é mais severa, meu elogio mais lisonjeiro e mais refletido” (DIDEROT, 1973, p. 415). Por fim, entende-se que o melhor que temos a fazer, segundo Diderot, é fortalecer nossos cérebros, nossas mentes, melhorando as nossas capacidades racionais e, conseqüentemente, tornarmo-nos senhores de nós mesmos, não para negar os prazeres e, sim, para gozar da melhor forma possível.

Formas e virtude

Considerando-se que tudo estaria vinculado à forma, à organização complexa, assumida pela matéria, Diderot escreve que a vontade nasce sempre por um motivo exterior ou interior à organização, e seria resultado sempre de “[...] alguma impressão presente, de alguma reminiscência do passado, de alguma paixão, de algum projeto no futuro” (DIDEROT, 1973, p. 416). E que a liberdade é apenas uma palavra, pois “[...] a derradeira de nossas ações é o efeito necessário de uma causa una: nós, muito complicada, porém una” (DIDEROT, 1973, p. 416). Ressalta-se a palavra “necessário”, pois ela marca o que Souza (2002, p. 94) denominou de determinismo orgânico que, por sua vez, seria resultado da teoria materialista proposta por Diderot, na qual a organização do corpo é de máxima importância, pois ela definiria o caráter do indivíduo, influenciando diretamente em sua felicidade. Nesse sentido, o primeiro requisito para a felicidade é ter uma boa constituição.

A partir da tese acima defendida por Diderot tem-se o questionamento feito pela personagem Mlle. de l’Espinasse n’O *Sonho de D’Alembert*: “Mas [...] e o vício e a virtude? A virtude, esta palavra tão santa em todas as línguas, esta ideia tão sagrada em todas as nações!” (DIDEROT, 1973, p. 416). Diderot defende que as noções de vício e virtude devem ser transformadas, ou trocadas, pelas noções de beneficência e maleficência: “A gente nasce afortunada ou desafortunadamente; somos irresistivelmente arrastados pela torrente geral que conduz um à glória e outro à ignomínia” (DIDEROT, 1973, p. 416). Logo, não cabe mais a ideia de virtude ou vício, mas, sim, a de má organização ou boa organização.

Como seria possível, então, estabelecer princípios morais, segundo a teoria proposta por Diderot, e se for impossível, como viver em sociedade? Para Diderot o ser humano não é livre, entretanto, ele é um *ser modificável*, e, por isso, ele diz: “A beneficência é uma boa sorte, e não uma virtude. Mas, se bem que o homem, bem ou malfeitor, não seja livre, permanece um ser que se modifica. É por essa razão que se deve destruir o malfeitor numa praça pública” (DIDEROT, 2015, p. 6). Ou seja, é preciso, sim, tentar modificar a forma de um sujeito que tenha uma constituição ruim, no entanto, se tais tentativas forem falhas, essa forma deve ser destruída em público, pois esse ato extremo será um exemplo, um meio educativo, que irá atingir outros sujeitos (formas humanas) e que, portanto, os modificará, fazendo o ser com uma organização ruim querer modificar a si mesmo para não sofrer o mesmo fim. Com isso ele entende que, para modificar o ser humano, é necessário que se altere minimamente sua constituição corporal, sua organização, isso acontece através do fortalecimento do seu cérebro, por via das sensações que atingem o corpo e chegam



ao cérebro, e isso poderia ocorrer através de recompensas e castigos: “[...] meios de corrigir o *ser modificável* que se denomina mau, e encorajar o que se denomina bom” (DIDEROT, 1973, pp. 416-417, *itálico nosso*).

Entende-se que Diderot não estaria sendo amoral, mas estaria dizendo que se o ser humano realizar uma certa ação, é porque tal ação lhe é natural, portanto, do ponto de vista individual não existiria uma moral. Contudo, em uma sociedade se estabelecem leis que tornam algo errado ou certo, assim, o indivíduo deve agir conforme a sua natureza desde que a sua ação não coloque em risco o bem comum: “[...] Cada um age conforme pode agir, segundo a sua constituição. Mas os comportamentos prejudiciais à vida comum devem ser punidos pela lei, não porque sejam imorais, mas porque ameaçam o bem-estar dos outros” (SOUZA, 2002, p. 103).

É nesse sentido que Diderot realiza uma defesa do ato sexual entre pessoas do mesmo sexo e da masturbação, pois considerando que cada ser humano terá seus desejos de acordo com sua constituição, ter-se-ão os mais variados desejos. Assim, quando a realização de um desejo particular faz bem para o indivíduo em questão, e não faz mal algum para o bem comum da sociedade, essa ação não pode ser considerada ruim, ou imoral. Enfim, Diderot afirma que:

Tudo o que existe não pode ser nem contra a natureza, nem fora da natureza; não excetuo sequer a castidade e a continência voluntárias, que seriam os primeiros dos crimes contra a natureza, se se pudesse pecar contra a natureza, e os primeiros crimes contra as leis sociais de um país onde fossem pesadas as ações em outra balança que não a do fanatismo e do preconceito. (DIDEROT, 1973, p. 425)

Forma humana: dever e felicidade

Como já mencionado, o determinismo orgânico, tal como exposto por Diderot pressupõe uma condição de felicidade, pois o desejo pela felicidade seria a tendência em comum da espécie humana, sendo que o desejo é filho da organização, logo, o ser humano deve realizar aquilo que está de acordo com sua natureza. Desse modo, “[...] cada homem, ao fazer aquilo que pode naturalmente fazer melhor fá-lo-á com muito mais prazer e menos sofrimento” (SOUZA, 2002, p. 94). Portanto, o indivíduo pode até não fazer aquilo que está de acordo com a organização de seu corpo, mas suas chances de ser feliz serão diminuídas. Em suma, o ser humano com uma boa constituição seria beneficente, e automaticamente, ao seguir seu conjunto de tendências naturais, se tornaria feliz; já o ser humano com uma má constituição, ao seguir suas tendências naturais, seria um malfeitor, e, por consequência, seria triste, já que suas ações ou estariam de acordo com seus desejos, sendo contrárias a virtude, ou estariam de acordo com a virtude, sendo contrárias aos seus desejos.

Lembre-mos ainda de que Diderot considera que o ser humano deve efetivar suas paixões, seus desejos, mas que essa realização não deve ser desenfreada, ela tem de ser refletida, pensada, medida e calculada. Como Piva (2003, p. 243)² menciona, para Diderot as noções de vício e virtude estão ligadas diretamente à energia presente na organização do ser humano. Podemos considerar aquilo que está de acordo com a moral como uma energia controlada, nesse sentido, afirmo que essa energia controlada (que caracterizaria a virtude) seria representada pelo sábio diderotiano³ d’*O Sonho de D’Alembert*. Entende-se, então, que o sábio diderotiano sempre visa

2 “[...] em Diderot a ideia de virtude tem outro conteúdo. Ele a define como energia controlada. [...] Se a virtude é concebida como energia controlada, Diderot não pode compartilhar da libertinagem sadiana, a qual é marcada fundamentalmente pelo desregramento e pelo excesso”.

3 Diderot fazendo uma espécie de categorização em *O Sonho de D’Alembert* afirma que, se o cérebro e o restante dos órgãos estão de acordo, bem ordenado, tem-se o sábio, o filósofo. Com suas palavras: “O sistema inteiro

“[...] à promoção da sociabilidade e do bem geral em suas reflexões e, sobretudo em suas ações” (PIVA, 2003, p. 322). Desse modo, o sábio mais que amar a virtude irá efetivá-la e, só assim, realizará a finalidade filosófica que, para Diderot, seria “[...] o entendimento e a união entre os homens por meio da troca de ideias e pelo exercício da benevolência mútua” (PIVA, 2003, p. 322).

Já na *Continuação do Diálogo*, última parte da obra *O Sonho de D’Alembert*, Diderot, através da fala do médico Bordeu, afirma que os homens atribuíram enorme importância à reprodução, e que não lhes tiraria a razão, mas diz estar “[...] descontente com suas leis tanto civis como religiosas”, pois estas, “[...] foram feitas sem equidade, sem objetivo e sem nenhum respeito para com a natureza das coisas e a utilidade pública” (DIDEROT, 1973, p. 423). Assim, para Diderot, toda lei, para ser considerada justa, deve contribuir para o bem comum.

Desse modo, negar a natureza por crenças inúteis seria o maior dos pecados, se estes existissem. Por conseguinte, as leis sobre castidade ou contingência não contribuem para o bem comum ou para a felicidade dos seres. Em razão disso, Diderot escreve que:

[...] a despeito dos magníficos elogios que o fanatismo lhes prodigalizou, [...] das leis civis que as protegem, nós as excluiremos do catálogo de virtudes, e conviremos que nada há de tão pueril, de tão ridículo, de tão absurdo, de tão nocivo, de tão desprezível, nada há de pior, à exceção do mal positivo, do que essas duas raras qualidades... (DIDEROT, 1973, p. 424)

Devemos, então, repudiar tais regras não por serem imorais, ou más, mas porque são contra a natureza dos seres, que, como dito anteriormente, irão ter os mais diversos desejos e se esses desejos não causarem mal para sociedade não há por que censurá-los.

Conclusão

A tese moral desenvolvida em *O Sonho de D’Alembert* é resultado necessário da tese materialista e ateuista proposta por Diderot. Poderia também ser considerada uma resposta direta às teorias que defendem que não existiria uma moral possível sem a ideia de um Deus, ou seja, sem um vínculo divino para estabelecer uma relação entre seres humanos de modo a fazer com que eles sejam bons uns com os outros. Resposta que também está presente no *Colóquio com a Marechala*, quando Marechala questiona Crudeli (que personificaria o próprio Diderot) sobre o porquê de ele ser um homem honesto e de bem sem ser cristão. Diderot responde e ridiculariza essa tese de variadas maneiras no decorrer do *Colóquio*: “[...] os loucos sempre foram e sempre serão o maior número; e que os mais perigosos são os que a religião produz, e dos quais os perturbadores da sociedade sabem tirar bom proveito” (DIDEROT, 2000, p. 237). Em suma, como o personagem Atheos responde ao personagem religioso em *O Passeio do Cético*: “Se a matéria é eterna, se o movimento a dispôs [...], que necessidade tenho de vosso príncipe?” (DIDEROT, 2005, p. 108). O príncipe no caso seria Jesus, entretanto a ideia central, que seria a inutilidade de uma figura divina, poderia ser estendida a todos os deuses, por assim dizer.

Com isso Diderot defende uma moral materialista na qual os seres humanos têm como único dever ser feliz e como única virtude a justiça, sendo que não há felicidade sem virtude. A felicidade seria, então, alcançada pela conformidade das nossas ações e pensamentos com a nossa natureza, logo, o homem que por natureza é benevolente seria natural e facilmente feliz, enquanto o que por natureza é malévolo seria naturalmente arrastado para infelicidade, já que suas ações e pensamentos ou não estariam de acordo com a virtude (sendo contrários à conformação de seu corpo),

enérgico, bem concorde, bem ordenado? Daí os bons pensadores, os filósofos, os sábios” (DIDEROT, 1973, p. 413).



ou estariam de acordo com a organização de seu corpo (sendo contrário à virtude). Portanto, em qualquer dos casos a felicidade seria excluída. Mas tanto um quanto outro poderiam ser modificados através da alteração de sua organização, seja para o bem ou para o mal, por assim dizer. “Viver conforme a natureza significa, então, não se entregar indiscriminadamente aos instintos, mas sim usufruí-los de forma equilibrada e racional, sem a intenção, portanto, de ignorá-los ou até de aniquilá-lo” (PIVA, 2003, p. 328).

Tem-se, então, uma moral laica, natural, que respeita a fisiologia dos seres humanos, sempre tendo em vista o bem geral da sociedade, dado que a felicidade de cada indivíduo depende da felicidade de todos.

Entende-se, assim, que nós, seres humanos, como tudo na natureza, somos matéria sensível e, como matéria, estamos em movimento constante, por isso, os estados permanentes não nos convêm. Por conseguinte, julgo que Diderot mostrou que não precisamos de vínculos divinos, ou seja, estabelecidos por algum deus, para sermos pessoas de bem, para nos unir. Além disso, querer ser uma pessoa de bem é querer um estado estático, permanente, e isso é contra nossa natureza, contra a própria natureza que está sempre se modificando, sempre nos modificando. Ao invés disso, precisamos de vínculos sensíveis; estes são estabelecidos pela própria necessidade de convivência entre nós, baseado no bem que podemos fazer um ao outro, enfim, pela felicidade que a relação de benevolência mútua tem a nos oferecer.

Os vínculos sensíveis estão sempre em movimento, são reais, são materiais, são as relações estabelecidas entre os homens que, por sua vez, estão em constante mudança, assim como cada um deles. “Se a natureza inteira está em constante mudança, não pode esperar nem exigir que o homem permaneça sempre o mesmo” (SOUZA, 2002, p. 109). Em suma, através de vínculos sensíveis o ser humano, mais que ter um status permanente e ilusório de homem de bem, praticaria o bem. Fazer o bem consiste em ações constantes que devem sempre ser praticadas, renovadas e, mais que isso, desejadas. Diderot nos ensina, então, que a sabedoria consiste em “Nada apontar aos outros, de nada nos arrependermos: eis os primeiros passos para a sagesa. Fora disso, só preconceito, falsa filosofia” (DIDEROT, 2015, p. 6).

Correspondência: Universidade Estadual Paulista. Av. Hygino Muzzi Filho, 737. Bairro Mirante. Marília – SP – Brasil. CEP: 17.525-900. E-mail: daniellysantos07.ds@gmail.com

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Conflito de interesses: Nenhum.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida à revista Em curso.

Bibliografia

DIDDIDEROT, D. Carta a Paul Landois, *Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 34, 2015.

_____. *Carta Sobre os Cegos*. Obras I filosofia e Política. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Colóquio com a Marechala*. Obras I filosofia e Política. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *O Passeio do Cético ou As Alamedas*. Tradução, apresentação e notas de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *O Sonho de D’Alembert*. Coleção Os Pensadores. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FONTENAY, E. *Diderot o el Materialismo Encantado*. Traducción de Angelina Martín del Campo. México. Fondo de Cultura Económica, 1988.

PIVA, P. J. L. *O Ateu Virtuoso: Materialismo e Moral em Diderot*. São Paulo: Discurso Editorial: FAPESP, 2003.

SOUZA, M. G. *Natureza e Ilustração: Sobre o Materialismo de Diderot*. São Paulo: UNESP, 2002.

Recebido em: 13/Mai/2019 - **Aceito em:** 26/Nov/2019.

